

## **A PEDAGOGIA DE PROJETOS APLICADA AO ENSINO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Vanusa Luiza da Silva<sup>1</sup>

Dra. Tania Nunes Davi (Orientadora)

### **Resumo**

A história e cultura afrodescendente gera interesse e possibilidades de pesquisa e análise no espaço escolar e fora dele. Levar aos alunos conhecimentos sobre aspectos da cultura afro-brasileira permite que se diminua o preconceito e se estabeleça uma cultura de paz e respeito ao outro na sociedade. O objetivo dessa pesquisa foi sugerir projetos de aula sobre o tema pesquisado que possam ser aplicáveis nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica e a pedagogia de projetos. A herança de uma educação branca e eurocêntrica condicionou a formação de profissionais do ensino a temas afastados de outras culturas (como a negra e a indígena), gerando despreparo e preconceito de alguns educadores em relação a África, o que se reflete em suas aulas. Apesar de decorridos 15 anos da aprovação da lei 10.639, a escola ainda trabalha os temas da cultura afro-brasileira de forma superficial, se focando nas poucas atividades propostas nos livros didáticos e, em sua maioria, não promovendo a construção de um conhecimento mais aprofundado sobre o tema. Para modificar esse quadro propusemos dois projetos sobre o tema a partir das propostas da pedagogia de projetos. Cabe a escola, aos professores e a sociedade combater as manifestações racistas, excludentes e preconceituosas que os afrodescendentes sofrem para que a sociedade possa tratar os negros como cidadãos que tem sua identidade, dignidade e contribuições múltiplas para a construção da cultura brasileira. Logo, seus valores, modos de vida, pensar e agir precisam ser respeitados, conhecidos e valorizados assim como as demais etnias (como os índios) que formam o Brasil.

**Palavras chave:** Cultura afrodescendente. Pedagogia de projetos. Ensino Fundamental.

### **Abstract**

Afrodescendant history and culture generates interest and possibilities for research and analysis in the school space and beyond. Bringing students knowledge about aspects of Afro-Brazilian culture allows prejudice to be reduced and a culture of peace and respect for others established in society. The purpose of this research was to suggest classroom projects on the researched topic that may be applicable in the initial years of Elementary Education. As methodology we use the bibliographical research and the pedagogy of projects. The inheritance of a white and Eurocentric education has conditioned the training of teaching professionals to themes that are

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo – MG. E-mail: luizavanusa@hotmail.com

far from other cultures (such as black and indigenous), generating unpreparedness and prejudice of some educators in relation to Africa, which is reflected in their classes. Although 15 years after the adoption of Law 10.639, the school still works on Afro-Brazilian culture in a superficial way, focusing on the few activities proposed in textbooks and, for the most part, not promoting the construction of a more in-depth knowledge About the subject. To modify this framework, we have proposed two projects on the theme based on the proposals of the pedagogy of projects. It is up to the school, teachers and society to combat the racist, exclusionary and prejudiced manifestations that Afrodescendants suffer so that society can treat blacks as citizens who have their identity, dignity and multiple contributions to the construction of Brazilian culture. Therefore, their values, ways of life, thinking and acting must be respected, known and valued as well as the other ethnicities (like the Indians) that make up Brazil.

**Keywords:** Afrodescendant culture. Pedagogy of projects. Elementary School.

### **Justificativa**

O tema escolhido para essa pesquisa, partiu da vivência pessoal da pesquisadora que, sendo afrodescendente, vivenciou situações dentro e fora do ambiente escolar que apontavam para a discriminação racial e para o pouco respeito a diversidade. A história e cultura afro gera interesse e possibilidades de pesquisa e análise no espaço escolar e fora dele. Levar aos alunos conhecimentos sobre aspectos da cultura afro-brasileira permite que se diminua o preconceito e se estabeleça uma cultura de paz e respeito ao outro na sociedade.

Os dados do IBGE (SARAIVA, 2018), de 2016, apontam que a população que se declara parda ou negra no Brasil é de 54,9%, num universo de 205,5 milhões de habitantes. Sendo que apenas 8,2% dos 54,9% se declaram negros. A porcentagem total de afrodescendentes é significativa e mostra a necessidade de se conhecer a contribuição do negro para a história e a cultura brasileira, de se levantar e discutir problemas sociais como o racismo, a evasão escolar dos alunos afro e a construção de uma identidade positiva que mostre a esses alunos que sua cultura, etnia, religião e aparência física são motivo de orgulho.

Um dos primeiros entraves para se discutir a identidade negra é definir o que é e quem é negro no Brasil. Munanga (A DIFÍCIL TAREFA, 2018) externa as problemáticas de se tipificar o negro

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e

ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. (A DIFÍCIL TAREFA, 2018, p. 52)

Mas nem sempre a pessoa classificada como negra se percebe assim, pois prefere se considerar histórica, social e culturalmente branca a reconhecer sua herança étnica e a miscigenação pela qual a população brasileira passou e passa. A questão da definição e aceite da identidade negra envolve situações políticas, culturais, sociais, biológicas e históricas que, nem sempre, são devidamente tratadas pela sociedade e pela escola. Isso porque a herança histórica ligada a escravidão e suas consequências são discussões e situações que não terminaram com a Abolição da Escravatura, elas se perpetuaram ao longo do tempo e ainda assombram a sociedade brasileira.

Os negros e afrodescendentes lutam por reconhecimento e respeito muito antes de 1889 e continuam a apontar as suas demandas sociais e a conseguir que políticas afirmativas busquem melhorias para a população. Políticas afirmativas como: a Lei 7.716, de 5 janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor (BRASIL, 2018), ou a instituição de cotas raciais em universidades e concursos públicos (BRASIL, 2018b), ou a Lei 11.645 (BRASIL, 2018c), de março de 2008 que alterou a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2018d), ou a Resolução CNE (Conselho Nacional de Educação) n. 08, de 20 de novembro de 2012, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. (BRASIL, 2018e)

A lei 10.639/2003, foi fruto de várias reivindicações do movimento negro no Brasil e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira nas escolas tanto da rede pública, quanto da particular pois, as influências das culturas africanas são parte integrante da cultura brasileira, em decorrência da miscigenação ocorrida com o tráfico dos negros da África para o Brasil para servirem de mão de obra escrava ao longo dos séculos XVI ao XIX.

A herança de uma educação branca e eurocêntrica condicionou a formação de profissionais do ensino a temas afastados de outras culturas (como a negra e a indígena), gerando despreparo e preconceito de alguns educadores em relação a África, o que se reflete em suas aulas. Apesar de decorridos 15 anos da aprovação da lei, a escola ainda trabalha os temas da cultura afro-brasileira de forma superficial, se focando nas poucas atividades propostas nos livros didáticos e, em sua maioria, não promovendo a construção de um conhecimento mais aprofundado sobre o tema.

Discussões necessárias como o racismo, a evasão dos alunos afro, a precarização da mão de obra negra no mercado de trabalho, a construção de uma identidade negra positiva (seja ela histórica ou estética) são temas que necessitam ser encaixados nos inúmeros temas já existentes no currículo escolar. Para que esses temas sejam adequadamente apresentados na escola o professor tem que conhecer e se preparar, deixar de lado seus preconceitos e permitir que seu aluno (des)construa suas certezas.

Conhecer a história da África e dos africanos e seus descendentes no Brasil pode promover uma melhor compreensão sobre a educação e a cultura afro-brasileira, como e quando o afrodescendente conquistou o direito de ser reconhecido como cidadão, portador de direitos e deveres, principalmente no âmbito da educação. Assim como quais são as contribuições que a cultura africana trouxe para o Brasil no contexto sócio, cultural, histórico e político. Para isso é preciso que os profissionais da educação reflitam conscientemente sobre essas questões e que as políticas públicas afirmativas busquem meios para sanar as dívidas históricas que o Brasil tem para com a etnia negra, ajudando a formar cidadãos sem racismo e que respeitem a diversidade de culturas e cores de pele que formam o Brasil.

### **Objetivo geral**

Sugerir projetos de aula sobre o tema pesquisado que possam ser aplicáveis nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **Discussão bibliográfica**

Como apontamos anteriormente, o ensino da cultura afro é um conteúdo obrigatório em todos os níveis de ensino. Mas essa obrigatoriedade, fruto de anos de luta dos movimentos negros, ainda levanta debates pois, a formação do professor, o preconceito e o acesso a materiais didáticos dificultam que essa temática seja plenamente aplicada nas escolas. A BNCC<sup>2</sup> aponta que

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que

---

<sup>2</sup> BNCC: Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2017.

podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. (BRASILf, 2018, p. 399)

Ou seja, não se deve ensinar cultura e história da África e dos afrodescendentes como uma temática estanque, mas percebe-la na sua diversidade de abordagens e possibilidades, levando o aluno a conhecer as origens culturais múltiplas que formam o Brasil e permitindo que ele repense posições preconcebidas sobre o papel do negro na história brasileira. Valorizando e resgatando manifestações culturais como festas, danças, comidas, histórias, memórias e personagens da história afrodescendente.

Medeiros e Almeida (2018), apontam que é necessário que os profissionais das escolas conheçam melhor a história afrodescendente e parem de ensinar apenas que os negros vieram da África, capturados em navios negreiros para serem escravizados por todo o continente, principalmente no Brasil. A história do afrodescendente não se resume só a isso, mas deve ser abordada em sua complexidade de resistência, de lutas e contribuições que deram e dão a cultura brasileira. Para que se abarque toda a riqueza do tema é necessário que o professor se empenhe mais em pesquisas e materiais disponíveis para construir suas aulas, utilizando diferentes tipos de fontes e materiais para se conhecer a história da África e dos afrodescendentes.

Por sua vez, Borges (2018) aponta que o ensino da temática afrodescendente poderá contribuir para a superação da imagem étnico-racial que privilegia a cor da pele branca, o cabelo liso, os olhos claros. Essa postura valoriza mais as raízes da cultura europeia em detrimento de outras culturas, principalmente a africana, a indígena e a asiática, fazendo com que convivamos com pensamentos e posturas de desigualdade e racismo.

O combate ao racismo não é uma tarefa exclusiva da escola, as formas de discriminação de qualquer natureza não nascem ali, porém o racismo e as discriminações correntes na sociedade perpassam esse espaço. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimento e de posturas que visam uma sociedade justa. (BORGES,2018, p. 04).

Um ponto de partida para a criação de uma sociedade justa, na qual a alteridade do respeito a diversidade cultural e racial seja a regra é a inclusão real de temáticas como a da cultura afrodescendente nos currículos e o desenvolvimento de um trabalho sério com as diferentes possibilidades de abordagem que ultrapassem os estereótipos do negro como um ser submisso, um iletrado que nada tem a dizer sobre si e sobre a sua história e cultura. Borges (2018) ainda aponta que pedagogias de combate ao racismo devem ser implementadas nas

Universidades, formando novos professores com visões mais abrangentes sobre as relações sócio culturais entre as diferentes etnias que formam o Brasil e que vão difundir-las até as escolas de Ensino fundamental e médio.

O que se propõe é a valorização da cultura negra pois, ao longo de séculos ela foi desvalorizada não apenas pelos brancos, mas até mesmo pelos próprios afrodescendentes. Munanga (2018) afirma que formas étnicas preconceituosas aparecem em alguns materiais didáticos e precisam ser criticadas pelo professor. Alguns professores,

por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2018, p. 15)

Portanto, a mudança começa pelo professor que, ao se informar, superar seus preconceitos e conhecer mais sobre o outro, pode desenvolver trabalhos, ações e projetos que diminuam o preconceito e permitam que o aluno de diferentes etnias conheça as contribuições das culturas para o Brasil. Construindo identidades que primem pelo respeito ao outro e por uma cultura de paz e de uma identidade positiva para as crianças afrodescendentes.

Andrade (2018) argumenta que quando a criança não percebe momentos e atitudes que contribuam para a construção de uma identidade positiva negra em casa, nos meios de comunicação, na escola e na sociedade ela se torna um adulto “com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana.” (ANDRADE, 2018, p. 122) Se, ao contrário, ela “acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial” (ANDRADE, 2018, p. 122) e a aceitação de quem se é, com sua cor, formas de cabelo, crenças religiosas e manifestações culturais. A criança que cresce conhecendo sua história, tendo orgulho de seu cabelo, de sua religião e de suas festas não se deixará inferiorizar, lutará pelos seus direitos, não permitirá que atitudes racistas se tornem presentes na sociedade ou na escola.

Valorizar a identidade positiva negra não é rebaixar as de outras etnias, mas mostrar que diversidade, multiplicidade e diferenças culturais são formadoras do Brasil e que devemos

conhecer e respeitar todas as formas de pensar, agir, sentir e fazer para que a nossa também seja respeitada.

### **Metodologia de pesquisa**

As metodologias de pesquisas usadas nesse artigo foram: a pesquisa bibliográfica e a pedagogia de projetos. A pesquisa bibliográfica que é uma investigação científica sobre o tema a partir do levantamento, leitura e análise de material impresso e online que permitiram que desenvolvêssemos a parte teórica do artigo e aumentasse nosso conhecimento sobre o tema.

Já a pedagogia de projetos, por ser uma nova forma de ensinar que integra as diversas mídias e conteúdos curriculares dentro de uma perspectiva construtivista, nos permitiu desenvolver as sugestões de projetos sobre o tema a serem aplicadas em sala de aula. A pedagogia de projetos é um método que requer mudanças na concepção do ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, na postura do educador e do aluno. O educador passa a ser um mediador do processo ensino aprendizagem e o aluno o construtor do seu conhecimento.

A pedagogia de projeto deve ser desenvolvida a partir de um problema levantado em sala, com caminhos e atividades em grupo, pesquisa, levantamento de possibilidades e encontro de soluções, integrando os vários conteúdos das diversas áreas do conhecimento, usando diferentes mídias e gêneros textuais ao longo do processo de uma aprendizagem significativa. (PRADO, 2018)

### **Sugestões de projetos**

Devemos ressaltar que os projetos aqui apresentados não devem ser aplicados como uma proposta estaque, mas como caminhos que podem ser percorridos e modificados ao longo do processo do desenvolvimento dos projetos, levando em conta o interesse e o envolvimento dos alunos com o tema e a busca de soluções.

### **Projeto 1**

**Título: Personalidades afrodescendentes que fizeram história**

Turma: 5º ano do Ensino Fundamental

Disciplinas: História, Geografia, Língua Portuguesa, Arte

Materiais: todos os materiais necessários para o desenvolvimento do projeto

## Justificativa

A obrigatoriedade do ensino de história e cultura da África de dos afrodescendentes levantou questionamentos sobre como valorizamos ou não a contribuição dos negros na história do Brasil e abriu a possibilidade de se conhecer personalidades que participaram de momentos decisivos na história política, econômica e cultural do país. Muitos alunos não conhecem as contribuições dos afrodescendentes em áreas como a literatura, a música, as ciências, etc. pois o preconceito acaba excluindo esses indivíduos dos livros de história.

Trabalhar personalidades afrodescendentes requer pesquisa e aquisição de conhecimentos que podem auxiliar o aluno afro a valorizar sua cultura e aos de outras etnias, perceberem que não foram apenas os brancos europeus que tiveram importantes contribuições na formação sociocultural do Brasil. Com essa temática podemos diminuir o preconceito racial e aumentar a auto estima dos alunos afro.

## Objetivos

Conhecer as diversas personalidades afrodescendentes que marcaram a história do Brasil e de Monte Carmelo, percebendo que a cor da pele não é pré-requisito para participar do desenvolvimento sociocultural de um país.

## Desenvolvimento

### Momento 1

Entregar a letra e passar a música “Retirantes (Vida de negro)”, de Dorival Caymmi

Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Eu quero morrer de noite, na tocaia me matar  
 Eu quero morrer de açoite se tu, negra, me deixar

Vida de negro é difícil, é difícil como o quê  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Meu amor, eu vou-me embora, nessa terra vou morrer  
 Um dia não vou mais ver, nunca mais eu vou te ver  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Eu quero morrer de noite, na tocaia me matar  
 Eu quero morrer de açoite se tu, negra, me deixar

Vida de negro é difícil, é difícil como o quê (Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê)  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Meu amor, eu vou-me embora, nessa terra vou morrer  
 Um dia não vou mais ver, nunca mais eu vou te ver

Vida de negro é difícil, é difícil como o quê (Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê...)  
 Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Variações: No cancioneiro brasileiro existem inúmeras outras músicas que podem ser utilizadas como ponto de partida motivacional para o projeto, inclusive o samba enredo da Mangueira, campeã do Carnaval do Rio em 2019: História pra Ninar Gente Grande, cuja letra está disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>> e performance no youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=JMSBisBYhOE>>

Fazer uma roda de conversa sobre a música. Mostrando quem foi Dorival Caymmi, enfatizando que ele era um afrodescendente, a sua contribuição para a música brasileira. Perguntar o que eles entenderam da música, que ela trata do período da escravidão no Brasil; se eles imaginam o que os negros escravos fizeram depois que foram libertados. Se conhecem alguma personalidade afrodescendente que contribuiu para a história do Brasil.

Apontar que muitos afrodescendentes foram importantes para que o Brasil se tornasse o país que é hoje e que contribuíram em diferentes áreas do conhecimento e das artes. Sugerir que os alunos façam uma pesquisa sobre as personalidades afrodescendentes e suas contribuições na literatura, nos esportes, etc.

O professor pode dividir a turma em grupos ou duplas e cada grupo ou dupla ficará com um tema diferente para pesquisar. É importante que os alunos pesquisem personalidades ao longo do tempo e não apenas as contemporâneas para terem uma noção mais clara que os afrodescendentes sempre contribuíram para a história do Brasil.

## Momento 2

Socializar a pesquisa por meio de um relatório bibliográfico sobre cada personalidade pesquisada. A pesquisa poderá ser melhor estruturada, preenchendo-se lacunas de

personalidades após essa primeira socialização. O professor pode sugerir novos nomes e levar os alunos para o laboratório de informática para fazerem o levantamento.

Sugerir que os alunos montem painéis com fotos e bibliografia das personalidades afrodescendentes brasileiras. Esse painel pode ser montado tendo como fundo o mapa do Brasil ou deixar que cada grupo monte seu painel da forma mais criativa que possível. Os painéis podem ser divididos por temática (esportes, ciência, teatro, etc.) para facilitar a montagem e o entendimento de quem vai apreciá-los.

Fotografar os painéis.



Exemplo de um painel com personalidades afrodescendentes do Brasil na área de literatura.  
Acervo da aluna pesquisadora, 2019.

### Momento 3

Depois de montar e expor os painéis na sala, questionar os alunos se eles conhecem alguma personalidade afrodescendente de Monte Carmelo e como ela contribuiu para a cultura da cidade. Propor o levantamento do nome dessas personalidades junto a família e amigos.

Depois do levantamento feito, propor que os alunos entrevistem algumas dessas personalidades que ainda estejam vivas ou seus descendentes. Para tanto os alunos devem definir perguntas padrão. As entrevistas devem ser filmadas (com celular ou outros meios) para depois serem montados curta metragens em vídeo sobre cada personalidade.

Para essa atividade é fundamental que o professor auxilie na montagem das perguntas e prepare os alunos para as entrevistas. Posteriormente, essas entrevistas podem ser remontadas no laboratório de informática utilizando-se os recursos/programas para montagem de vídeos.

#### Momento 4

A culminância do projeto poderá se dar em dois momentos:

1. Montando exposição dos painéis e dos vídeos na escola, para professores, colegas e comunidade. Nesse primeiro momento a escola deve disponibilizar espaço e recursos midiáticos necessários para a exposição. Também é necessário que para a exposição se monte um folder ou convite físico ou online para ser distribuído para a escola e a comunidade. Esse folder deve ser feito pelos alunos utilizando os recursos midiáticos da escola (no caso de online) ou as habilidades artísticas e criativas (no caso de físico);
2. Postagem do material do projeto (fotos e vídeos) no blog da turma ou da escola, possibilitando que mais pessoas conheçam as personalidades afro brasileiras e carmelitanas que contribuíram para a história.

#### Cronograma

O projeto foi pensado para ser desenvolvido em 10 aulas, mas pode se estender para mais tempo dependendo da turma.

#### Avaliação

A avaliação será formativa. O aluno será avaliado na sua interação e participação ao longo da construção do projeto.

### **Projeto 2**

**Título: Descobrimos os jogos e brincadeiras africanos**

Turma: 5º ano do ensino fundamental

Disciplina: Educação Física, História, Arte e Matemática

Materiais: Todos os materiais necessários para o desenvolvimento do projeto.

#### Justificativa

Os jogos e brincadeiras, nas suas mais diversas variações, estão presentes em todas as culturas e fazem parte do crescimento e da aprendizagem das crianças. As atividades lúdicas têm um caráter interdisciplinar e podem dizer muito sobre a cultura de um povo.

Os jogos e brincadeiras auxiliam no desenvolvimento psicomotor e psicossocial das crianças, auxiliando na aprendizagem e na ativação das múltiplas inteligências. Utilizar pedagogicamente o lúdico permite que as crianças aprendam brincando, percorrendo o

imaginário, a criatividade e a inventividade infantil. Uma das vantagens do lúdico é que as crianças aprendem a seguir regras, a trabalhar em equipe, a viver papéis diferentes da sua realidade, a superar desafios e conflitos para atingir um objetivo comum.

Nesse sentido, o intuito desse projeto é colaborar para que os alunos conheçam alguns jogos e brincadeiras da cultura africana, os quais estão sendo esquecidos ao longo do tempo. Esquecimento ou desconhecimento que decorre da preferência contemporânea por brincadeiras eletrônicas, virtuais e que não levam a criança a se movimentar, usar a imaginação e interagir fisicamente com os outros.

### Objetivo

Resgatar e valorizar os jogos da cultura africana por meio do lúdico, do raciocínio lógico, da criatividade, da noção de valores permitindo ao aluno perceber a contribuição dos afrodescendentes na cultura brasileira.

### Desenvolvimento

#### Momento 1:

Explicar para os alunos sobre o projeto. Fazer os combinados e passar o cronograma do que irá ser feito.

#### Momento 2:

Apresentar o vídeo – Os africanos, disponível nos youtube:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s>>

Fazer uma roda de conversa e indagar sobre o que os alunos aprenderam com o vídeo, se eles sabem em quais áreas os negros contribuíram para a cultura brasileira. Perguntar se os alunos conhecem alguma brincadeira ou jogo de origem africana. Se ninguém souber apresentar Escravos de Jó aos alunos:

Os jogadores sentam em círculo, cada um com uma pedrinha ou outro objeto pequeno, que será passado de um integrante para o outro em uma coreografia de vai e vem seguindo o ritmo da música “Escravos de Jó”:

*Escravos de Jó jogavam caxangá (os jogadores vão passando as pedras um para o outro do lado direito, de forma que cada jogador fique sempre com uma pedrinha só)*

*Tira, (cada um levanta a pedra que está em suas mãos)  
põe, (colocam a pedra de novo no chão)*

deixa ficar (*apontam com o dedo para a pedra no chão*)  
 Guerreiros com guerreiros (*voltam a passar a pedra para a direita*)  
 fazem zigue, (*colocam a pedra na frente do jogador à direita, mas não soltam*)  
 zigue, (*colocam a pedra à frente do jogador à esquerda, mas não soltam*)  
 zá (*colocam a pedra à frente do jogador à direita novamente*)

Pergunte se alguém já jogou Escravos de Jó; se conhecem alguma variação da música (em alguns estados o verso “tira, põe, deixa ficar” tem variações como: “Tira, bota, deixa o Zé Pereira ficar” ou “Tira, bota, deixa o Zambelê ficar”). Analisar a música apontando quem foi Jó (um personagem bíblico muito rico), o que era o jogo de caxamgá (pode tanto significar “mata extensa”, quanto um adereço feminino – na verdade não se sabe o que seria o jogo do caxamgá, pois seu significado se perdeu no tempo) e o que o zigue, zigue, zá significa (os escravos fugitivos que corriam em ziguezague para despistar o capitão-do-mato).

Deixar que os alunos joguem Escravos de Jó.

Propor que, em grupos ou em duplas, os alunos pesquisem sobre jogos e brincadeiras de origem africana. Essa pesquisa pode ser direcionada, com o professor apontando algumas brincadeiras e jogos (como: Mancala, Labirinto de Moçambique, Mamba, Pular elástico, Amarelinha africana, Pular corda, Barra manteiga, etc.) ou deixar que os alunos pesquisem livremente sobre o tema. Cada equipe deverá apresentar, pelo menos, três jogos e brincadeiras.

### Momento 3:

Socializar a pesquisa em sala de aula. Perguntar aos alunos se eles conheciam as brincadeiras e jogos pesquisados. Perceber se foram detectados jogos e brincadeiras repetidos pelos grupos, fazer uma lista dos jogos e pedir que cada equipe ou dupla produza um vídeo com um jogo ou brincadeira específico.

A filmagem do jogo ou brincadeira deverá ser feita pelo celular, apresentando o material necessário para o jogo ou brincadeira (de preferência confeccionados pelos alunos com material reutilizável), as suas origens africanas (país ou localização na África), as regras do jogo e uma rodada de jogo.

O vídeo poderá ser editado no laboratório de informática da escola e disponibilizado para os outros grupos e turmas no blog da escola.

### Momento 4:

Após as duplas terem pesquisado os tipos de jogos e brincadeiras e apresentado seus vídeos propor que eles escolham dois jogos ou brincadeiras para que todos aprendam as regras e joguem.

Para exemplificar escolhemos o jogo Mancala. A equipe que pesquisou o jogo deverá apresentar o material e as regras a turma. As duplas farão o material necessário e, depois de três rodadas, o ganhador jogará com o ganhador de outra dupla até que sobre apenas uma dupla, quem ganhar será o vencedor do torneio de Mancala e deve ganhar um prêmio.

Material para se jogar Mancala:

1 caixa de ovos de 12 unidades; 36 tampinhas, feijões, macarrão, sementes ou pedrinhas; tesoura, 2 potinhos plásticos (pode ser copos de iogurte).

Corte a tampa da caixa de ovos e terá o tabuleiro de Mancala.



Imagem ilustrativa. Disponível em:

<[https://www.ibilce.unesp.br/Home/Departamentos/Matematica/mc4d\\_erminia\\_flavia.pdf](https://www.ibilce.unesp.br/Home/Departamentos/Matematica/mc4d_erminia_flavia.pdf)> Acesso em: 04 mar. 2019.

Regras para jogar Mancala

**COMO JOGAR**

- CRIANÇAS EM DUPLAS, UMA DIANTE DA OUTRA, COM O TABULEIRO ENTRE ELAS.
- CADA JOGADOR FICA COM UM LADO DO TABULEIRO E COM UM POTINHO COM OS FEIJÕES À SUA DIREITA (ESSE POTINHO É CHAMADO DE RESERVATÓRIO).
- TIRAR PAR OU ÍMPAR PARA VER QUEM COMEÇA O JOGO.
- ANTES DE COMEÇAR O JOGO, CADA JOGADOR DEVE COLOCAR SUAS SEMENTES SENDO TRÊS EM CADA CAVIDADE.
- O PRIMEIRO PARTICIPANTE QUE JOGAR DEVE PEGAR AS SEMENTES DE UMA DAS CAVIDADES DE SEU CAMPO E REDISTRIBUÍ-LAS, UMA A UMA, NO SENTIDO ANTI-HORÁRIO, NAS CAVIDADES SUBSEQÜENTES.
- SEMPRE QUE O PERCURSO INCLUIR A PRÓPRIA CAVIDADE DO TABULEIRO, ELE DEPOSITA ALI UMA SEMENTE, QUE PASSA A PERTENCER SOMENTE A ELE.
- AO PASSAR PELA CAVIDADE DO ADVERSÁRIO, O JOGADOR NÃO DEPOSITA ALI SEMENTES.
- A PARTIDA TERMINA QUANDO RESTAREM MUITO POUCAS SEMENTES PARA O JOGO CONTINUAR OU QUANDO RESTAR APENAS UMA SEMENTE EM CADA LADO.
- GANHA O JOGO QUEM TIVER O MAIOR NÚMERO DE SEMENTES.



Educador(a), o Mancala, por possuir regras simples, é indicado para crianças a partir de 6 anos de idade. Esse jogo ajuda a desenvolver nos alunos a concentração e a capacidade de antecipação. Outros nomes do Mancala, de acordo com a região onde é jogado: a) Adí – Daomé Andot, Sudão, especialmente pelo povo Bega, onde é jogado, no chão, com excrementos secos de camelo; b) Aware, Awalé, Awari – Alto Volta, Suriname; c) Ayo – Nigéria; d) Baulé – Costa do Marfim, Filipinas e Ilhas Sonda; e) Jodu Kakua – Gana, Nigéria; f) Kalah – Argélia; g) Walu, Adji e Ti – Brasil; h) Wari – Sudão, Gâmbia, Senegal, Haiti.

Imagem ilustrativa. Disponível em: < <https://www.pragentemiuda.org/2007/01/mancala-jogo-matematico.html> > Acesso em: 04 mar. 2019.

Uma variação pode ser apresentar aos alunos os sites em que o jogo de Mancala está disponível como: <<http://www.jogajogos.com/mesa-tabuleiro-e-cartas/mancala/>> ou <<http://mo.game-game.com/139498/>>. A competição de Mancala poderá assim ter uma fase virtual e outra real.

No youtube existem vários vídeos que ensinam a jogar Mancala, como: <[https://www.youtube.com/watch?v=B9JNe-dHu\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=B9JNe-dHu_A)> ou <<https://www.youtube.com/watch?v=EwdNJ3VYXr8>>; esses vídeos podem ser utilizados para aprender as regras.

Cronograma

O projeto foi estruturado para ser desenvolvido em 8 dias letivos ou ser estendido de acordo com as necessidades da turma.

#### Avaliação

A avaliação será formativa. Os alunos serão avaliados na sua interação e participação ao longo do desenvolvimento do projeto.

#### **Considerações finais**

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado, visto que trabalhar aspectos da cultura afro na escola, conjuntamente com as demais culturas, é fundamental para os alunos valorizarem a diversidade cultural, étnica e contribuições de todos os povos que formam o Brasil, além de propiciar a diminuição do preconceito e do racismo. A temática da cultura afro não deve ser trabalhada apenas em novembro (mês da Consciência Negra) e nem apenas em determinados níveis de ensino, mas, conforme a Lei 11645, de 2008, em todas as faixas etárias, tendo o professor como mediador do conhecimento.

Partindo da premissa que conhecer é o caminho para construir uma identidade negra positiva e promover a diminuição do preconceito racial, montamos dois projetos. Sendo que o projeto 1 possibilitará aos alunos conhecerem as várias contribuições das pessoas afrodescendentes no desenvolvimento do Brasil tanto no contexto social, cultural, político, educacional, etc; e perceber o quanto foi difícil o negro ser reconhecido no Brasil como cidadão de direito e de fato ao longo da história. O tema reforça ainda o combate ao racismo e ao preconceito não é tarefa exclusiva da escola. Cabe as famílias dos alunos plantarem esse conceito de não racismo desde a mais tenra idade em seus filhos, para que possamos ter uma sociedade mais justa.

No projeto 2 trabalhamos com jogos e brincadeiras afrodescendentes na escola, colaborando para que os alunos possam interagir, respeitando-se uns aos outros e adquirindo conhecimentos sobre a contribuição dos negros em uma área específica da cultura. Pesquisar, descobrir e brincar com os jogos e brincadeiras afro permite ao aluno captar alguns dos ricos aspectos da cultura negra que foram absorvidos pela cultura brasileira ao longo do tempo.

É preciso ressaltar que o racismo não é inerente a criança, mas sim um conceito, um sentimento que lhe é introduzido pelos adultos da sua convivência familiar. Cabe a escola, aos professores e a sociedade combater essas manifestações racistas para que a sociedade possa tratar os negros como cidadãos que tem sua identidade, dignidade e contribuições múltiplas para a construção da cultura brasileira. Logo, seus valores, modos de vida, pensar e agir

precisam ser respeitados, conhecidos e valorizados assim como as demais etnias (como os índios) que formaram e formam o Brasil.

## Referências

A DIFÍCIL TAREFA de definir quem é negro no Brasil: Entrevista de Kabengele Munanga. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2018.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro. Construindo a auto-estima da criança negra. Kabengele. (org.) **Superando o racismo na escola.** Disponível em: <[portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)> Acesso em: 12 set. 2018.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. **Inclusão da história e da cultura afrobrasileira e indígena nos currículos da educação básica e superior:** momento histórico ímpar. Disponível em: <[http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura\\_africana.pdf](http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura_africana.pdf)> Acesso em: 12 set. 2018

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/114403.pdf>> Acesso em: 23 de ago. 2018.

\_\_\_\_\_ b. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)> Acesso em: 23 ago. 2018.

\_\_\_\_\_ c. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)> Acesso em: 23 ago. 2018

\_\_\_\_\_ d. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 23 ago. 2018.

\_\_\_\_\_ e. Resolução CNE nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>> Acesso em: 23 ago. 2018.

\_\_\_\_\_ f. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 12 set. 2018.

MEDEIROS, Angela Cordeiro; ALMEIDA, Eduardo Ribeiro. **História e cultura afro-brasileira:** possibilidades e impossibilidades na aplicação da Lei 10.639/2003. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1907/1419> > Acesso em: 12 set. 2018

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. MUNANGA, Kabengele. (org.) **Superando o racismo na escola.** Disponível em: <[portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf) > Acesso em: 12 set. 2018.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Pedagogia de projetos:** fundamentos e implicações. Disponível em: <[http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo\\_4\\_projetos/conteudo/unidade\\_1/Eixo1-Texto18.pdf](http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_1/Eixo1-Texto18.pdf)> Acesso em: 24 set. 2018.

SARAIVA, Adriana. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html> > Acesso em: 23 ago. 2018